

DIÁSPORAS NO CAMPO DE VISÃO

MARCELO LAZZARATTO¹

TRADIÇÕES
TRADUÇÕES
TRAIÇÕES

TRADITIONS
TRANSLATIONS
BETRAYAL

Esse artigo apresenta o percurso do Projeto Diásporas, das inquietações iniciais à concretização do espetáculo Diásporas. Estabelece a coerência da pesquisa sobre o pressuposto estético Campo de Visão com o material utilizado e desenvolvido no processo de criação.

O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “outro” e de uma oposição rígida entre o de dentro e o de fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural requerem a noção derridiana de *différance*, uma diferença que não funciona através dos binarismos, fronteiras veladas que separam finalmente, mas são também places de passage e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. (Hall, 2008).

2015: Em meio ao processo da globalização em que defensores e contrários a ela manifestam-se com fortes argumentos em todos cantos do mundo, com a intensa discussão sobre fronteiras e territórios, povo e nação, identidade cultural e pasteurização de costumes e comportamento, xenofobia e assimilação; nós da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico, grupo de teatro de pesquisa, brasileiro, descendente de misturas culturais, sediado na cidade de São Paulo, metrópole onde convivem povos de inúmeras culturas e que, diariamente, geram e influenciam comportamentos, escarram contradições, desníveis socioeconômicos, manifestam-se artisticamente e procuram encontrar aqui um lugar de reconhecimento e pertencimento; em meio a tudo isso, decidimos investigar os deslocamentos populacionais no que chamamos de Projeto Diásporas.

¹ Ator, diretor e diretor artístico da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico e Professor do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp.

Esse projeto se concretizou somente em 2017 graças à Lei de Fomento ao Teatro da Secretaria Municipal da Cultura da Cidade de São Paulo e com a parceria estabelecida com o Sesc – São Paulo. Além da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico, proponente e articuladora do projeto, ele contou com duas outras companhias teatrais que foram convidadas a participar da empreitada: Os Barulhentos e a Cia. Histriônica de Teatro. O espetáculo *Diásporas*, ação central do projeto, estreou em 05 de Maio de 2017 no SESC Pompeia – SP. Em seguida fez apresentações, no Jardim da Luz e na Galeria Olido, encerrando seu percurso como espetáculo convidado à abertura do **II Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos – Babel: tradições, traduções e traições**, no Instituto de Artes da Unicamp.

A História Passada e Recente

Muitas foram as diásporas ao longo dos tempos. A primeira e segunda diásporas gregas definiram o termo: diáspora vem do grego *diáspora* que quer dizer dispersão. Entre os séculos XII e VIII a.C. o povo grego, movido pela invasão dórica, alcançou territórios da Ásia Menor e ilhas do mar Egeu. Outros movimentos diaspóricos importantes aconteceram ao longo da história como o dos hebreus em exílio na Babilônia e o dos africanos no longo processo de escravidão. Esse último, somado às diásporas de italianos, árabes e japoneses no final do século XIX início do XX, ajudaram a constituir nossos traços culturais.

Muitos são os estudos a respeito do assunto. Ao longo do século XX os historiadores abordaram com viés antropológico e/ou sociológico e alguns filósofos não poderiam deixar de refletir a respeito a partir dos anos 60, quando com o avanço das tecnologias, o mundo definitivamente iniciou aspectos da globalização e com ela guerras eclodiram em várias partes do mundo movidas pela tentativa de preservação tanto de territórios quanto de costumes.

Mais recentemente dados das Nações Unidas indicam que, pela primeira vez na história, “os fluxos migratórios sul-sul se equiparam aos deslocamentos populacionais em direção ao norte. A crise econômica e o desemprego nos países desenvolvidos explicam parcialmente o fenômeno.”² Sabemos que a decisão de imigrar não é uma escolha de cunho estritamente racional e individual, associada apenas a fatores econômicos, como a busca por emprego e melhores salários. No mundo globalizado, as redes sociais, a família e os amigos têm um peso importante nessa decisão, muitas vezes motivada por guerras ou desastres naturais.

O Projeto *Diásporas* se interessou pelo tema por reconhecer nos movimentos populacionais que estão acontecendo na atualidade um sintoma que nos afeta em muitos níveis.

² In: Carta Maior. <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/A-diaspora-haitiana-alcanca-o-Brasil/6/30883>

Além do alcance e do reconhecimento de outras culturas que qualquer pessoa pode ter a partir dos meios tecnológicos, bem perto de nós, a cidade de São Paulo, nos últimos tempos, tem recebido massas populacionais que procuram em nossa sociedade lugar para um suposto melhor viver. Essas pessoas procuram trabalho em busca de sobrevivência, vivem em condições precárias porque, grosso modo, as entidades governamentais não estão aparelhadas para dar assistência adequada aos estrangeiros e refugiados.

Segundo dados da Polícia Militar – obtidos em janeiro de 2015 – houve a imigração (oficial ou como refugiado) de indivíduos de mais de 190 nacionalidades diferentes para o Município de São Paulo nos últimos 10 anos. Entre eles destacam-se as populações imigratórias da África (principalmente do Congo, Senegal, Burquina Fasso, Nigéria e Mali – mais de 2.000 indivíduos), do Haiti (4.500 indivíduos), da América do Sul (principalmente da Bolívia, Peru, Paraguai e Colômbia – mais de 80.000 indivíduos) do Oriente Médio (6.000 indivíduos) e da Ásia (mais de 36.000 indivíduos).

A questão é bastante complexa. Haitianos, angolanos, coreanos, bolivianos e colombianos de certo modo conseguem trabalho, há um esforço nesse sentido, mas muitas vezes em péssimas condições. Muitas denúncias já foram feitas a esse respeito e, além disso, sabemos que o emprego é apenas um dos elementos que pode levar à inclusão social, mas não é suficiente. Outras operações e vivências devem ser proporcionadas a esses imigrantes para que seus traços distintivos, sua cultura, possam de fato entrar em contato com outra cultura, no caso a nossa, e, aí sim, estabelecer diálogo, reconhecimento e integração.

Nós, da Cia. Elevador, acreditamos que ações artísticas, de qualquer linguagem, vinculadas às questões públicas podem, através de suas características essenciais, por operarem no simbólico, expandindo a reflexão sobre a realidade e suas contradições sociais, colaborar ao processo de reflexão e implementação de políticas públicas de apoio à diversidade cultural, convertendo-se em um fator de desenvolvimento socioeconômico e cultural para todos. E o Projeto Diásporas nasce com essas inquietações.

Identidade Cultural

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2008).

Nos aliamos à seguinte definição de cultura: “o conjunto de realizações humanas, materiais ou imateriais que leva-nos a caracterizá-la como um fundamento básico da História,

que por sua vez pode ser definida como o estudo das realizações humanas ao longo do tempo” (HALL, 2008).

Se por um lado entendemos identidade cultural não como um conjunto de valores fixos e imutáveis que definem o indivíduo e sua coletividade, mas, sim, um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados entre os membros de uma sociedade, por outro reconhecemos que valores intrínsecos ao indivíduo não desaparecem mesmo em contato com outros meios culturais. Sabe-se que o estrangeiro se reconhece e valoriza em si muitas vezes os valores de sua terra quando distante dela. Preservação, mistura e transformação parecem ser os ingredientes que devem ser operados num mundo supostamente sem fronteiras.

Nosso processo de criação necessariamente mergulhou nessas questões para poder conceber através de todos os elementos que constituem a cena, dos plásticos aos musicais, dos literários aos espaciais, populações que constituíssem povos que definissem uma nação com traços próprios, nascidos e desenvolvidos através do tempo e dos acontecimentos. Concebemos no espetáculo *Diásporas* três culturas, três etnias, três povos.

Queríamos avaliar em nós e no meio em que estamos inseridos a questão da preservação ou não das identidades culturais. Embrenhar-nos no debate entre aqueles que entendem que talvez a identidade seja dinâmica e se modifique através dos intercâmbios promovidos pela globalização, e aqueles que entendem que a preservação das raízes é necessária para que os indivíduos não percam sentido. Ou seja, nos aprofundar ainda mais na relação identidade/alteridade, cerne de nossa pesquisa com o *Campo de Visão* e, quiçá, enveredar por um caminho do meio, alheio a qualquer dicotomia.

Depois de tantos anos e muitos trabalhos realizados em que investigamos a linguagem cênica utilizando os mais variados temas e peças teatrais, dos clássicos à invenção de teatralidades contemporâneas, já está evidente que o que nos define como coletivo, o que podemos reconhecer como nossa identidade cultural, é o pressuposto estético e sistema improvisacional coral *Campo de Visão*, e o tema “*diáspora*” nos pareceu muito potente para a continuidade de seu desenvolvimento.

Diásporas e o Campo de Visão

TELAL: Eu respeito vocês, parceiros. Cada um de vocês. Eu sou um P-Kwer e respeito vocês. Mas vocês não acreditam que as coisas podem ser diferentes. Um dia “nós” se transforma em “eles”. “Eu”, “você”, “nós”, “eles”... nada disso é sólido. São como gases. Eles se misturam. Como os gases dessa mina. Eles se misturam. (Personagem de *Diásporas*, de Cassio Pires)

A Cia. Elevador de Teatro Panorâmico completou em 2017 dezessete anos de existência. A pesquisa em linguagem cênica que a fundamenta e lhe dá sentido é o pressuposto estético e sistema improvisacional coral **Campo de Visão**. Depois de *Ifigênia*, de Cassio Pires, espe-

táculo improvisado em Campo de Visão que veio a público em 2012, e que de certo modo fechou um ciclo da pesquisa, nos lançamos ao diálogo com duas dramaturgias de épocas distintas: *O Jardim das Cerejeiras*, de Anton Tchekhov e *Sala dos Professores*, de Leonardo Cortez. **Diásporas** surgiu, assim, de duas necessidades: a de oferecer novos conteúdos à pesquisa do Campo de Visão e de lançar um olhar ao mundo refletindo a respeito dos movimentos populacionais.

O Campo de Visão é o lugar em que se sensibiliza, joga-se, e se busca entender a relação identidade-alteridade. No Campo de Visão, traços distintivos de um indivíduo, suas qualidades expressivas, seu *modus operandi*, sua gestualidade, sua simbologia, ou seja, sua identidade, interage dinamicamente com outros indivíduos com suas peculiaridades. O Campo de Visão é uma dinâmica coletiva, coral, tudo acontece em interação, em diálogo sensível entre o eu e o outro, num processo paradoxal, porque simultâneo, de assimilação dos traços do outro e reconhecimento dos próprios traços.

Desse modo o Campo de Visão é ao mesmo tempo um ótimo procedimento e estruturador de linguagem para tratar dos movimentos populacionais que nesse mundo globalizado sacodem as estruturas, ressignificam geografias e territórios, trazem para a agenda dos governantes e empresários dos conglomerados financeiros, para os intelectuais de diversas disciplinas, para os artistas e cidadãos de todo o mundo o debate em que a diferença, mais do que necessária, seja, talvez, constituinte da identidade.

O Mar, a Montanha e o Deserto

... o homem é agenciado pelo ambiente geográfico: ele sofre a influência do clima, do relevo, do meio vegetal. Ele é montanhês na montanha, nômade na estepe, terrestre ou marinho. A natureza geográfica o lança sobre si mesmo, dá forma a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos. (Eric Dardel)

Diásporas conta a história de três culturas nascidas e desenvolvidas da relação com ambientes geográficos distintos e contundentes: uma cultura que nasceu na Montanha, uma outra no Mar e ainda outra no Deserto. O Vento, símbolo da polinização e dispersão e pertencente indistintamente de cada uma dessas regiões geográficas é o elemento que rege toda a encenação. O espetáculo se estrutura em três movimentos divididos em dois atos:

I – Mito de origem – nascimento e instauração de cada uma das três culturas.

II – Cataclismos e/ou guerras promovem a saída de cada cultura de seu ambiente de origem iniciando o processo diaspórico.

III – Encontro entre os indivíduos das culturas em um local não pertencente a eles: tensão e alteridade.

Se trata, assim, de uma criação. **Diásporas** não tem a pretensão de contar ou representar movimentos diaspóricos históricos seja de que período for. Certamente não daríamos conta de aspectos atávicos e particulares àquelas culturas e todas as suas contradições.

Nosso **Diásporas** deseja, sim, reavivar, pelos aspectos geográficos, a relação ser humano-natureza e seus mitos de origem, bem como tecer um fio narrativo de invasão, dominação, dispersão e sufocamento de culturas, espelhando o que nosso processo civilizatório ocidental gerou e ainda está a gerar. Deseja lançar luz ao conceito de alteridade indispensável para bem vivermos em um mundo de tantos diferentes-semelhantes. Atentar ao perigo das homogeneizações, higienizações, moralizações, que o mundo globalizado pode impor: o passar a régua nas arestas e eliminar as diferenças em nome de um suposto melhor modo de vida.

Eu e o outro. Nós e eles. Você e eu. Olhar antes para o que nos distingue e perceber/sentir/entender que no espaço existente entre nós talvez esteja nossa beleza e nossa potência como espécie.

Referências:

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Carta Maior.

LAZZARATTO, M. R. **Campo de Visão**: exercício e linguagem cênica. São Paulo: Escola Superior de Artes Célia Helena, 2011. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/A-diaspora-haitiana-alcanca-o-Brasil/6/30883>

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

TRADIÇÕES
TRADUÇÕES
TRAIÇÕES

TRADITIONS
TRANSLATIONS
BETRAYAL